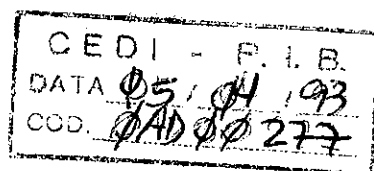


ENTREVISTA

Alvaro Sampaio - TUKANO



Antes dos 9 anos, você aprendeu muitas coisas?

Eu tive a possibilidade de conhecer a vida Índia acompanhada inteiramente pelos velhos, porque eu deveria substituir o meu pai. Não era só o ensinamento de um só pai, mas com todo o Conselho. Aprendi como conviver com uma sociedade que envolve toda a tribo. Eles me ensinaram a chefiar um grupo de jovens. Conhecia muitas estórias de mitos. Com 8 anos, já sabe pescar, caçar, preparar armadilhas, material de pesca e sabe participar das grandes festas. Aprende olhando. Ele já fica sabendo de cor a imagem da festa. Cada divisão da festa, tem o seu rito e através do conhecimento do rito é fácil de acompanhar.

Como é feito o aprendizado da caça e pesca?

A pesca com anzol. Quando era criança sempre acompanhava a pesca dos grandes, da pôpa da canoa. Às vezes eu tinha remos para... Eu ficava reparando o tipo de peixe, a maneira de usar a isca, as épocas em que se pega qual peixe e onde se deveria pegar o peixe. A outra forma era de fazer as tarrafas. Cada tática para não deixar que o peixe tivesse medo de uma armadilha. Cada coisa do Índio tinha um estilo de fazer instrumento de pesca. De noite não poderia comer alguma coisa quente e nem chegar perto de cachorro bravo. A comida quente: a isca fica refletida no pescador: fica quente.

Os ensinamentos: era uma exigência de um velho com o menor. Na prática de usar o arco, o velho sempre vai na frente. Os velhos exigiam que antes se fizesse um treinamento com o passarinho (calango). Quando o peixe vai rápido é preciso ter uma certa distância de pontaria para atingir o alvo. O menor sempre acompanha o velho porque o velho sempre sabe mais do que qualquer pessoa.

Quando é que o menor já pode pescar, caçar?

Quando o pai fica doente. A criança é obrigada a enfrentar a vida nesse período porque a base da alimentação é a caça e a pesca. Ele pesca durante o dia e quando é preciso pesca à noite, mesmo dos 4 aos 8 anos. Volta às 10 horas até a 1 hora da manhã.

A mãe tem mais amor por ele e o próprio filho sente mais amor pelo pai. Quando isso não acontece, muitas vezes, foge desse amor pelo pai.

As meninas tem a sua profissão de mulher: fazer comida (mingau). As meninas fazem a comida, cuidam de casa, buscam água no rio, fazem a limpeza da roça, plantam maniva, aprende porquê e prá quê usar as plantas medicinais.

A profissão dela é quando começa a preparar a bebida fermentada. Quando não tem bebida fermentada, a mulher não tem prestígio.

A mulher que saiba receber todas as visitas é classificada de melhor modo, como um menino que é bom pescador e bom trabalhador.

O Tukano não pode casar com mulheres TUKANO, porque nos consideramos como irmãos. Por isso procuramos uma mulher de outra tribo. Assim vamos ampliando a família (mulher taksana).

Aprendi a falar primeiro o teksano (tecksano) e depois fui aprendendo as táticas de falar e a pronúncia correta; quando me afastei dela e comecei a acompanhar os homens.

Quando eu comecei a conviver com o meu pai e com os homens, eu tinha uma parte para viver com a minha mãe para contar o que acontecia. Eu era um dos únicos de sexo masculino. Eu não podia brincar com as meninas porque estaria traíndo o compromisso masculino.

MAKU - palavra que rebaixa, errada.

Nós não temos a força de corrigi-la. Os padres passaram a chamar os nossos empregados disso.

É um povo que vivia na selva isolado e troca comida com nós.

Aprendi a falar MAKU porque convivia com eles.

As primeiras palavras que é da mãe sempre ficam com a gente. Entre as tribos é fácil de entender (português e espanhol).

Era a minha obrigação conversar na língua dele (avô materno). O pai é que dá a linhagem. Eu posso casar com uma mulher de qualquer lugar que o filho será TUKANO.

Como era a aldeia?

Na época em que eu nasci, não existia gente nu com grandes malocas. Num casa morava até 300 ou 400 pessoas e tinha o cabeça que administrava o Conselho.

Se uma aldeia tinha 5 malocas haveria 5 caciques, mas tinha o principal. Quando eu nasci, não tinha mais maloca. Cada homem com a sua mulher tinha a sua casa. Não houve mais a comunidade indígena. Quando eu nasci começou a ter muita aristocracia entre os filhos indígenas. A turma do meu pai era segunda de ex-alunos salesianos.

A roça era comunitária. O peixe era para todos. Nasci numa época em que começou a existir muita aristocracia. A maneira de educar os filhos indígenas fora da assistência do pai não deu uma boa formação para o espírito indígena. Eles perderam o amor pelo pai e o meu pai foi um desses que praticou. O ensinamento que ele recebeu do seu pai foi mais profundo do que o meu. Ele se recorda que a melhor vida que ele viveu foi quando era novo, antes de ir para a escola. Na minha época, a caça e a pesca não era mais para a comunidade. De manhã, o chefe reúne para dar bom dia ao seu povo. Chama todo mundo para trazer qualquer tipo de comida. Todo mundo traz a sua comida, é para oferecer ao próximo. E daí todos vão para o trabalho e na volta alguns que estão em casa, se reúne numa roda grande para verificar como está a vida do povo.

O seu avô ia nas festas? (avô paterno)

Conhecia todos os mitos e cerimônias. O meu avô materno era PAGÊ. Mas depois, que obrigaram a jogar todos os instrumentos. A religião do branco forçou a jogar tudo. Essa turma dos velhos que eu conheci morreu por desgosto.

Eu me lembro muito bem quando o meu vovô João que era TUKANO. Ficou muito triste quando não poderia mais exercer as funções que recebeu com tanto sacrifício. E assim eu fui fugindo aos poucos e quando cheguei lá na primeira noite, eu não me dei bem.

Eu estava acostumado a dormir numa rede bem encostado na de meu pai e da minha mãe. Como a gente não tínhamos banheiro, meu pai me levava para fora para fazer micção. Quando eu passei a frequentar o colégio eu não tinha mais essa assistência que era o principal.

É claro que quando eu estava na escola eu sentia muita falta do vovô e do meu pai. Mas assumi que passei a frequentar esse colégio. Eu não tinha essa assistência. Eu nunca esperava de conhecer na minha missão foi justamente durante a noite quando comecei a frequentar sozinho. Não tínhamos uma casa tão fedorenta e nem tanto carapanã (mosquito de todo tipo). Essa coisa me desanimou na primeira noite. Eu não esperava que conhecer o colégio custaria tanto sacrifício, o sacrifício de um menino índio que não foi único. Muitos choraram naquela noite e muitos fugiram. Porque não era uma casa onde se deveria formar como homem. Mas um lugar onde o menino índio educado naquele estilo se transformava. Era uma simbiose. Uma metamorfose quando o índio passa a ser homem pela valentia física. Ali não conheci mais educação, coisa nenhuma. E passei durante os primeiros meses e na 1ª. semana, gostei da comida, mas não gostei das atitudes de uns colegas meus, que a agressividade era tão enorme. Os maiores sempre avançavam na comida dos outros. E trabalhávamos duro, porque eu fazia trabalho com o meu pai, mas era trabalho que eu gostava, eu nunca criei calos enormes na minha mão. Eu nunca senti o peso de uma panela cheia de estrume para regar as plantas, porque a planta que nós tínhamos lá nunca precisava ser regada. Então, era umas coisas pesadas e conhecer o facão desamolado para cortar o capim, para limpar a missão, porque os maiores que tinham mais prática, mais força terminavam primeiro e nós que éramos pequenos ficávamos atrás. E éramos humilhados e muitas vezes agredidos, fora as lições e os arrependimentos. Na aldeia nós íamos pescar com alegria, caçar com alegria, voltávamos com alegria e tinha mais certa liberdade.

Não podíamos reclamar nada, porque apanhávamos dos maiores.

Geralmente nas aldeias, os meninos nunca foram chamados atenção com gritos. Eles foram chamados atenção no sentido aducado. Ali era uma covardia em cima dos pequenos. Na aldeia ele chama a atenção conforme a educação. Meu pai me chamava a atenção, mas duro, falava sério, com calma. Quando era preciso me batia. Mas geralmente, ali não era um castigo do pai que nunca doía tanto. Mas ali era castigo de um maior que eu nem conhecia. Em pouco tempo, eu perdi todo o espírito que eu tinha. E no 3º mês, fiquei doente e não consegui comer nada, nem ficar alegre. Aí comecei a passar mal e quase morri, não foi porque eu era fraco. Quando entrei no colégio, entrei com toda carga de saúde infantil. Em pouco tempo, fiquei muito reduzido. E tal coisa foi chocante pra mim até hoje. Assim com o tempo, eu comecei a conviver também. Cheguei a competir junto com os outros. Aí, nós podemos imaginar como que é, o índio entra para ser agressivo nas escolas salesianas. Quando o cara não apanhar do outro, então é melhor pra ele. Então todo mundo tem que ser valente lá dentro. Aquilo geralmente, para as pessoas que entram a primeira vez, não passa de um terror. Foi um lugar totalmente diferente.

O quarto de dormir: havia 3 divisões de classes. Maiores que estavam com 14-15 anos para a frente, médios de 12 a 14 anos e os meninos que nós éramos. O dormitório era grande com rede, uns encostados nos outros: 120 alunos de médio para maiores. Tínhamos assistentes: 1 para os maiores, outro para os médios e outro para os pequenos. Geralmente eram salesianos ou alunos que já tinham deixado a escola. Então, os melhores, os padres chamavam para tomar conta dos alunos. Muitas vezes, desatavam a rede e escondiam o cobertor. E nós não suportávamos tais brincadeiras absurdas, porque não era uma brincadeira que se poderia fazer. Era uma falta de consideração muito grande e como não tínhamos voz para queixar diretamente ao superior, ao irmão, o jeito era ganhar o maior pranto e passar muito tempo desse jeito e o pior ainda quando o pai trazia comida para o filho, que os maiores sempre ficavam de olho nele. Assim que o pai se afastava então, eles tomavam tudo do menino.

Então as coisas, que eu posso dizer francamente, não houve uma educação, a não ser uma tática de ser valente ou uma tática de sobreviver dentro de uma miséria tão profunda.

Que que era ser valente na tribo?

Na tribo ser valente é ser bom guerreiro, quando havia guerras. No meu tempo não houve guerras. No colégio, era ser bom de bola, quem não respeitava ninguém, que deixava os outros chorarem e que ainda gozava.

E esse espírito de competição na tribo não havia?

Esse espírito de competição na tribo não havia. Havia quando havia certa necessidade não da tribo para a tribo, mas com outras que queriam invadir nas áreas, onde não havia laços de família.

Os alunos era todos TUKANO ou era de várias tribos?

Era todos juntos, tudo misturado. Era tukano, tecksano, carapanã. Tê no tempo do meu pai era assim.

Carapanã? Nós chamávamos Maktê é uma tribo, mas a tradução paralela é que deu esse sentido.

Agora, maku não ia para a aula?

Até lá, maku nunca quis saber da escola. Não queria muito. Começa uma discriminação racial entre os ex-alunos e maku. Quer dizer, o sujeito que sabia ler, falar português e cantar em latim era considerado já civilizado. Quer dizer, era aquele que não era visto como índio, mas como qualquer cidadão que nasce nas grandes capitais sem contacto com os índios.

Vocês podiam se entender na escola?

Dava pra conversar?

Nos primeiros tempos, a gente ficávamos inibidos até certo ponto. Mas de acordo com a necessidade do tempo, éramos obrigados a conversar. Muitas vezes, os TUIUCAS não falavam tukano e nem os tecksanos. Então, faziam amizade entre si. Mas o tukano de certo modo já era uma língua oficial

nas escolas. E assim eles foram aprendendo TUKANO com a gente. Agora isso para conversar, agora pra escrever nas aulas, sô em português. Decora va as poesias., catecismo e cantos que podemos cantar.

Como foi as diferenças dos vários grupos?
Foi uma coisa boa?

Nos primeiros tempos, deu prá gozar um da cara do outro, porque o TUKANO na minha área sempre é considerado superior. Todo mundo tinha que falar TUKANO. Agora, os outros sofreram mais do que eu.

Foi bom conviver com vários grupos?

De certa forma, foi bom. Deu prá conhecer a tribo diferente dos tukanos. Mas de outra parte, não deu porque juntos sofremos, principalmente os menores e esse sofrimento forçou a gente a se unir, fazer grupinho de colegas de qualquer tribo.

Você disse que ficou doente?
Tinha gente que fugiu?

Sim muita gente dizia: esse cara não quer ser civilizado, foge, não tem educação, e isso é uma vergonha. Mas de fato não era vergonha. Era um direito. Eu também tentei fugir. E conseguiu?

Fiquei com medo de ir sozinho, porque eu era o único do povoado. Eu conheço muita gente que fugiu do meu grupo. Martinho Lobo fugiu com o José Peixoto muitas vezes, maiores iam buscar, agarrar de novo, prá trazer a escola. Muitas vezes ele conseguia, muitas vezes não.

E tinha algum castigo?

De certa forma, não tinha, mas ele ficava muito humilhado. Agora, a maneira de levar o castigo no sol, ficar diante de todo mundo em pé ou de joelhos, na frente de todo mundo. Isso tinha demais. Isso acontecia com certo maior que abusava do menor. Isso nos alegrava bastante. Muitas vezes havia briga até entre os maiores. De certa forma, eles mereciam castigos e os assistentes castigavam. Mas muitas vezes, os velhos também, fugiam. Geralmente, são as pessoas que tem angústia dessa vida até hoje. De certa forma, deu prá aprender um pouco sô na maneira de expressar. Muita gente fala português. Isso valeu pelo menos, porque dá prá conversar um com o outro.

Mas quanto ao resto da matéria?

Matemática, Moral e Cívica, História, não valeu nada. Valeu sô pra ler mesmo, mas não prá comentar uns com os outros. A gente aprendia sô pra si. Não era como na aldeia. Na aldeia o que aprendíamos era para os outros. Não era sô pra dizer que eu aprendi. Agora, muitos alunos desses que fugiram aprenderam melhor que a gente. Começaram a reviver dentro da sociedade. Ele aprendeu a viver, continuou na convivência dos pais. Ao passo que nós, não.

Agora, se você voltasse para a tribo como ela te receberia?

Eu sempre voltei na minha aldeia. Fugindo, eu creio que não seria bem fugindo, eu creio que não seria bem aceito, porque o meu pai era muito exigente. Na certa me castigaria. O castigo que ele poderia me fazer era ter me colocado novamente no colégio, coisa que eu não aceitaria. Por isso que eu não fugi. Eu bem sabia que se cometesse esse erro, meu pai me colocaria diante de todo mundo e eu seria humilhado e seria obrigado a pedir desculpas.

Logo que chegava no colégio, sempre começava a escrever no alfabeto geralmente, ensinava a contar. Por exemplo ele contava, já sabia falar tukano. Fazia um hino quando queria alfabetizar. Aquele ABC era estilo cantico geralmente quando os velhos cantam é quando ensinam a criança. Então foi fácil de adaptar na civilização. O irmão Eduardo pegava o canto Tukano e... Ele cantava em português.

Mas com música Tukano?

Era música do Rio e de São Paulo.

Você lembra?

Não, me esqueci de todas. Gostava, porque de outra forma, ele era o único que tirava a tristeza da mente. Nas aulas, nós tínhamos uma certa alegria de criança; Agora, quando chegava a merenda, a hora do almoço, era todo do medo, que nós tínhamos na consciência. E cada qual ficava na fila, caladinho, sem mexer no outro, numa fila reta.

Como era o dia neste internato?

Às 6 horas, íamos pro porto escovar os dentes, tomar banho, voltávamos, trocávamos geralmente, tinha os sinos da Igreja. Trocava de roupa, era pra entrar na Igreja. Era missa. Os que tinham recebido a comunhão, E os pequenos ficavam só apreciando. Foi uma maneira de adaptar o índio e não educar. Mas foi uma adaptação sem espírito de ensinamento. Depois da missa, voltávamos para o dormitório, e para o refeitório para tomar o mingau. Aí íamos para a aula até 11,30 para trocar de roupa. Para a aula tinha uma roupa, para trabalhar outra. E todos os sábados recebíamos a roupa lavada pelas meninas. A gente não podia reclamar nada porque a gente não tinha voz.